

Pertence à Mulher: Mulher e Trabalho em Comunidades Pesqueiras do Litoral de Santa Catarina

Anamaria Beck

Sobre a autora

Anamaria Beck é professora Titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorou-se pela USP, em Ciências Sociais e é Livre-Docente em Antropologia, pela UFSC. Sua preocupação em pesquisa é com populações de pescadores, tendo trabalhado, por dez anos, em Antropologia Pré-Histórica. Atualmente, desenvolve pesquisa em comunidades pesqueiras sobre organização da pesca artesanal e sobre a inserção da mulher nesta atividade. Tem trabalhos publicados em revistas locais e nacionais.

Este trabalho foi apresentado no Fórum de Discussão sobre o Universo Social da Mulher, a Pesca e sua Relação com a Ecologia, em Natal/RN, 1989. Foi discutido e revisado pelas professoras Rita de Cassia Barbosa do DLLV/UFSC e Miriam Pillar Grossi, do DCSO/UFSC.

Summary

The article has as preoccupation to learn the construction process of genus in community dedicated to fishery activity, in Santa Catarina's littoral. The expression "belongs to woman" defines the female activity's ambit. But, the systematic absence of men, in decurrency of fishing, incite them to surpass the determinated borders, apparently, by the expression above. Genus construction is putted on opposition net X gains, terms that mean spaces and differentiated and supplementary social representations.

Resumo

O artigo tem como preocupação o processo de construção dos gêneros em comunidades dedicadas a atividade pesqueira, no litoral de Santa Catarina. A expressão "pertence à mulher" define o âmbito da atividade feminina. Mas, a ausência sistemática dos homens, como decorrência da pesca obriga-as a ultrapassar os limites definidos, aparentemente, pela expressão acima. A construção dos gêneros está posta pela oposição rede X renda, termos que significam espaços e representações sociais diferenciadas e complementares.

1. Introdução

Este artigo é uma tentativa de entender o lugar da mulher em comunidades pesqueiras, a partir da sua participação no processo de trabalho e de como se produz a definição dos gêneros masculino e feminino, considerando-se os elementos descritos.

A pesca artesanal vem recebendo, há algum tempo, maior atenção por parte dos pesquisadores. Estudos sobre a pesca artesanal, abordando temática diversificada, como as relações entre a pesca artesanal e a agricultura de subsistência e as relações entre a pesca artesanal e a pesca industrial, por exemplo, têm sido produzidos sobre todo o litoral brasileiro. Porém, se são numerosos os trabalhos sobre a organização da pesca artesanal, isto é, sobre o trabalho do homem, são reduzidas as referências ao lugar da mulher nas comunidades pesqueiras. Algumas destas poucas e pequenas referências podem ser encontradas em Carneiro (1979: 38-41), Beck (1979: 73-87), Lisingen (1983), Beck et alli (1982 e 1984: 126-171), Lago (1983: 71-81), Maldonado (1986: 21-22) e Rial (1988: 171-228).

O fato da pesca ser definida como uma atividade masculina contribui para tornar a mulher invisível, não só na pesca como na comunidade pesqueira. Por outro lado, os numerosos trabalhos sobre o campesinato que tratam do papel da mulher no conjunto das atividades rurais tiram-na da invisibilidade (Michel, 1981: 1059-1071). Residem, portanto, nestes dois aspectos, as dificuldades em se definir uma proposta para este artigo. Se, por um lado, a participação da mulher na pesca, ou nas comunidades pesqueiras, é invisível, por outro, o modelo de análise proposto para as comunidades rurais, do tipo camponês, é insuficiente para dar conta da tarefa. Uma comunidade de pescadores, mesmo quando planta, diverge de uma comunidade camponesa.

Em trabalho anterior (Beck, 1979) procurou-se dar conta da articulação entre roça e pesca, buscando-se entender como se estruturam as unidades de produção, para uma e outra atividade, partindo-se do contexto histórico específico do litoral de Santa Catarina, que se caracterizou pela inserção gradativa dos lavradores na pesca artesanal.

Para discutir e entender o papel da mulher em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina, buscou-se a oposição trabalho x não-trabalho utilizada por exemplo, por Heredia, Garcia e Garcia Jr. (1984: 29-44) e Carneiro (1981) que definem o universo masculino como aquele do trabalho e o universo feminino como o do não-trabalho. Assim, a expressão "pertence à mulher" ou "não pertence à mulher", utilizada localmente para indicar quem deve e quem pode e quem não deve e quem não pode executar uma determinada atividade e cuja flexibilidade deve, necessariamente, ser conjugada, corresponde a oposição trabalho x não-trabalho, indicadora da divisão sexual do trabalho.

A análise dos dados obtidos através de entrevistas gravadas e no âmbito de dois projetos-de-pesquisa (Beck, 1979 e 1980)⁽¹⁾

permitiram a percepção de que a roça e a casa/quintal/criação se opõem enquanto espaços de produção e de consumo (Heredia, 1977; Garcia Jr., 1983 e Beck, 1979), cabendo ao homem as decisões sobre o primeiro e à mulher, as decisões sobre o segundo. Porém, tudo parece indicar que a realização do masculino e do feminino não reside só no controle sobre a produção e o consumo. Esta realização estaria direcionada, principalmente, para a oposição pesca x renda, que corresponderia à consecução dos ideais masculino e feminino, respectivamente. O dito popular, "onde há rede há renda", poderia ser, neste caso, a confirmação da representação de gêneros, a exemplo do que acontece entre os Guayaqui, com o arco e o cesto (Clastres, 1978: 21-89).

Os objetivos deste artigo são entender qual o lugar da mulher nas comunidades pesqueiras e quais as representações produzidas por estas mesmas comunidades, que conduzem a uma reflexão sobre os elementos da construção do gênero feminino e de seu oposto e complementar, o masculino.

Para atender a estes objetivos, estruturou-se o artigo em três partes. Na primeira define-se, rapidamente, o contexto histórico da emergência das comunidades pesqueiras e do processo de produção das mesmas no litoral de Santa Catarina; na segunda, trata-se da divisão sexual do trabalho; e na terceira, da elaboração da definição do gênero, no contexto dessas comunidades.

2. Comunidades Pesqueiras e Processo de Produção

As comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina têm sua origem no processo de povoamento e colonização, iniciado no Século XVII, com os vicentistas e continuado no Século XVIII, com a migração açoriana e madeirense. Vicentistas, açorianos e madeirenses organizaram um processo de produção de base agrícola ao qual associaram, posteriormente, a pesca e o trabalho assalariado. O processo de produção estruturou-se sobre a unidade de produção familiar, fundamentada sobre a roça, a casa, o quintal, a criação e o engenho. Dificuldades relacionadas a questões como distribuição dos lotes, uso intenso do solo e seu rápido esgotamento obrigam os lavradores a buscarem novas terras, subindo lentamente os vales dos rios da encosta. A colonização alemã e italiana, no Século XIX, interrompeu o processo, obrigando os lavradores a buscarem novas alternativas que garantissem a sua subsistência.

Assim, à roça e à casa se associaram, mais recentemente, a pesca e o artesanato, enfatizando o aspecto mercantil que caracteriza estas comunidades. Observa-se um claro deslocamento da produção de valores de uso para a produção de valores de troca. As razões para isto são várias. Porém, a mais importante reside na transformação sócio-econômica instalada no início do Século XX e a inserção destas

comunidades no sistema de mercado, ao qual compareceram, inicialmente como produtores e depois, vendendo a sua própria força-de-trabalho (Beck, 1979 e 1989a; Lago, 1983).

Enquanto unidade de produção, a família reunia a combinação dos fatores de produção, repousando sobre o parentesco e confundindo-se com ele, as relações sociais de produção. Assim, a família era a responsável por sua reprodução física e social, sendo, ao mesmo tempo, unidade de produção e de consumo. Ela é autora de decisões autônomas, relacionadas à produção e ao consumo. O pai centraliza as decisões e em torno de sua autoridade se organiza o trabalho (Beck, 1979: 50-73).

A roça e a pesca são espaços concebidos socialmente como masculinos, isto é, como trabalhos que pertencem ao homem. Definem o espaço da produção e, consequentemente, o da comercialização de parte da produção, como a farinha e o peixe. A casa é o espaço concebido como feminino. É o espaço do consumo: na casa a mulher executa o artesanato da renda-de-bilro e, no seu interior o comercializa. O quintal e o engenho-de-farinha são espaços que se podem definir como ambivalentes. A mulher predomina nas tarefas de quintal e da criação pequena - galinhas, patos e perus - mas os filhos é que têm maior responsabilidade com os animais maiores - porcos, cavalos e vacas. O engenho-de-farinha, como a salga do peixe, reúne atividades que também podem ser consideradas ambivalentes, uma vez que homens e mulheres, jovens e crianças, têm aí tarefas a desenvolver. São atividades cuja execução se adequam às relações sociais que ultrapassam o âmbito familiar podendo permitir que se definam as futuras alianças matrimoniais. É o momento do encontro dos jovens sob os cuidados dos mais velhos.

Com a instalação do processo de transformação, homens, mulheres e, principalmente, os jovens, buscam na comunidade e mesmo fora dela, uma atividade assalariada. Os homens embarcam, às vezes, por muitos meses. Esta prática masculina de se afastar para pescar é antiga. Ela caracterizou os chamados "andorinhas", pescadores que durante a safra da tainha rumavam para o Rio Grande, onde se dedicavam à pesca, integrando os ternos de costa (Lago, 1961: 121-215). Durante a sua ausência, "pertencia às mulheres" todo o trabalho relacionado à roça, à casa/quintal e ao engenho-de-farinha.

As atividades ligadas ao setor de serviços, como hotelaria, por exemplo, predominavam durante o verão, face à expansão do turismo. Mas, as atividades relacionadas ao setor secundário como construção imobiliária - e o setor terciário, como vigilância, podem ter um carácter mais permanente. Nestes casos, o lavrador/pescador deixa de sê-lo. Vende a terra, vende os aparelhos de pesca e passa à viver do trabalho assalariado. E, em geral, muda-se para a periferia da cidade (Córdova, 1986).

A mulher, quando busca um trabalho fora-de-casa, o faz quando os filhos já atingiram idade suficiente para assumirem algumas tarefas na casa, no quintal e no engenho-de-farinha. O trabalho fora-de-casa constitui-se em uma extensão da sua atividade em casa.

Ele acontece, em geral, no setor de serviços.

A intensificação do processo de transformação pela expansão urbano-industrial e pela expansão do turismo ameaça a continuidade do processo de produção tradicional e, conseqüentemente, da família enquanto unidade de produção, redefinindo os papéis de homens e mulheres.

3. A Divisão Sexual do Trabalho

As atividades produtivas predominantes, a roça e a pesca, são atividades masculinas, sendo a pesca a atividade masculina por excelência. Todas as decisões relacionadas a estas duas atividades competem ao homem: na roça ao pai, chefe de família (Beck, 1979: 50-73) e na pesca, ao dono-da-rede ou, por delegação deste, ao patrão-de-pescaria (Beck, 1979: 73-87).

As roças, raramente, estão localizadas nas proximidades das casas. Distribuem-se pelas encostas e várzeas, longe da possibilidade de depredação pelos animais (Beck, 1979: 50-73; Lago, 1983: 43-54; Rial, 1988: 197-208). Plantam em terra própria, em terra alugada e já plantaram em terra de uso comum. O plantio das roças obedece a uma sucessão de tarefas que são desempenhadas sazonalmente e que, na atualidade, só se cumprem para alguns poucos cultivos, como a mandioca, o milho e o feijão.

A divisão do trabalho na roça obedece à formação do ciclo familiar, como se pode observar pela transcrição dos trechos das entrevistas, abaixo:

- P. E na roça quem é que planta, quem é que vai lá p'rá roçar, arrumar a terra, essas coisas?
R. Aqui é eu, n'é? Eu e os filhos.
P. E as mulheres também vão?
R. Quando tem muita mulher vão. A minha até agora ia. Agora, de uns dois anos para cá, não foi mais.

E ainda:

- P. A senhora trabalhava na roça com seu pai. E o que é que a Senhora fazia?
R. Trabalhava mandioca, alho e feijão. Plantava, também.
P. E a Senhora fazia que tipo de tarefa? A Senhora capinava?
R. Capinava.
P. E plantava também?
R. Plantava.
P. E trabalhava a terra também?
R. Não Senhora. Só capinava mandioca, assim as planta e estudava, assim, Senhora. Embala, essas coisas não. Isto era eles que fazia.
P. Agora a Senhora não faz mais renda, a Senhora só trabalha

em casa. Ou a Senhora faz outra atividade, trabalha na roça, ainda?

R. Trabalhava com meu marido, mas depois que os filhos cresceram, não Senhora.

A participação da mulher na roça está condicionada, pois, ao número de irmãos (trabalhava na roça com meu pai) e ao crescimento dos filhos (trabalhava com meu marido mas depois que os filhos cresceram não Senhora). Embora não tenha sido explicitado, o caráter da participação da mulher na roça é o de ajuda. E, nem sempre, estando o marido presente, ela permanece na roça por toda a jornada. Isto só acontece quando o marido está ausente da comunidade e não há filhos com idade para substituí-lo, quando, então, todo o trabalho pertence à mulher.

Os filhos começam a ir para a roça por volta dos 12 anos de idade e, gradativamente, vão substituindo a mãe até que ela é, em definitivo, enviada de volta à casa e ao quintal.

Ao contrário da roça, a pesca, ou pescaria, como é designada por todos os pescadores, não permite a participação das mulheres. Mesmo quando donas-da-rede, por herança ou por compra, as mulheres têm seu acesso à pescaria interditado, devendo delegar a um patrão-de-pescaria a execução das atividades pertinentes. A pesca é procedida em duas grandes temporadas: as pescarias de inverno e as pescarias de verão. Nas primeiras, a safra da tainha assume maior importância, ao lado da anxova. Nas segundas, ressalta a pescaria da sardinha. Para proceder à pescaria, os homens se reúnem nos ranchos de canoas, que destinam à guarda dos barcos, dos aparelhos de pesca, cabos, balaios etc. Os ranchos de canoas bem como suas cercanias, onde se erguem os varais para secar as redes, são espaços exclusivamente masculinos, interditados às mulheres. Funcionam como verdadeiras casas dos homens como ressaltam Beck (1983: 43-56) e Rial (1988: 219-224). Do mesmo modo, é interditado seu acesso às canoas, que se dá, apenas, quando estas são utilizadas como meio de transporte. A praia também só é utilizada pelas mulheres como via de comunicação.

Esta proibição ostensiva de participação da mulher na pescaria, ao contrário do que acontece na roça, pode ser explicada pelo caráter público da primeira. Enquanto a roça reúne os membros da família nuclear - pai, mãe e filhos - a pescaria ajunta, nas companhias, camaradas e ajudantes que vêm de várias famílias e são, por vezes, oriundos de várias comunidades, como acontece na safra da tainha (Várzea, 1985: 157-173). Não devem as mulheres ter proximidade física, em público, com homens que não são os de sua própria família e com homens que não são seus maridos ou possam vir a sê-lo. Há situações, porém, em que a mulher está autorizada a se envolver com a atividade pesqueira. Ela se dá por ocasião da pescaria da tainha, quando ocorre um lanço de alguns milhares de peixes. Nessa situação, sua ajuda é fundamental, não só puxando a rede, como trazendo o peixe da beira-do-mar para cima, isto é, para a areia seca. São, também as mulheres que tecem os panos para a confecção das redes.

A coleta de moluscos é prática observada, sendo comum encontrar, durante a maré baixa, mulheres e crianças, principalmente, dedicadas à tarefa, nos costões e nos baixios. Também a pesca de crustáceos, como siris, é uma atividade a que se dedicam mulheres e crianças, embora os homens também possam vir a fazê-lo. Podem ser destinados - os moluscos e os siris - ao consumo familiar. Mas, em geral, são vendidos às empresas que comercializam frutos do mar.

Os meninos começam muito cedo sua inserção na pesca. Entre 6 e 10 anos são admitidos como ajudantes, com a incumbência de fazer duchinhos de cabo, isto é, rolos de corda. Sua socialização no mundo dos homens começa, assim, no rancho de canoas, onde passam a conviver com adolescentes e adultos, iniciando-se nas artes da pescaria e da vida. Com 15 anos, tornam-se camaradas. Eles ascendem na hierarquia pesqueira de acordo com suas habilidades. Poderão tornar-se vigia, patrão ou dono-de-rede e com 16 anos, obter a carteira de pescador profissional.

Ao contrário da roça, em que a família é a proprietária dos meios de produção, na pescaria parte deles - os meios de trabalho (Fioravante, 1978: 36) ou equipamentos (Godelier, s/d: 328) - são propriedade do dono-da-rede. E, em torno dele, se organiza a força de trabalho: patrões, vigias, camaradas e ajudantes. Observa-se, assim, que a iniciação masculina ao trabalho se dá na pesca, uma atividade que remunera, mas só aos 12 anos o menino começará a ajudar a família na roça.

A casa, nas comunidades pesqueiras, não é só o lugar onde se mora. Em oposição à roça, que dá relevância às tarefas masculinas e, principalmente, em oposição à pescaria, que é a atividade masculina por excelência, a casa e o quintal dão ênfase às atividades femininas. É o espaço feminino por excelência (Beck, 1979: 59-63; Rial, 1988: 229-326). Se, na roça e na pescaria, as decisões são tomadas pelo homem e estão direcionadas para a produção; na casa, as decisões são tomadas pela mulher e estão direcionadas para o consumo.

O cotidiano da mulher são as voltas da casa, expressão utilizada para designar as tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, limpar, varrer, espanar, arrumar e cuidar dos filhos. É, também, no âmbito da casa/quintal que a mulher se dedica à renda, que é, como denominam, o artesanato da renda-de-bilro ou renda-de-almofada (Beck et alli, 1982).

A renda é uma atividade circunscrita sexual e domesticamente. Ela é feita apenas pelas mulheres e, neste sentido, se opõe à pescaria, por exemplo, como uma prática exclusiva do homem. A renda ocupa os momentos de lazer e é entendida pelas mulheres e também pelos homens, como um serviçinho bom, um trabalho limpo e, ainda, um trabalho à toa, ao contrário da roça e do engenho-de-farinha que são percebidos como trabalhos pesados e sujos. As mulheres são iniciadas na renda, a partir dos 6 anos de idade. É a sua iniciação ao trabalho e ao mundo da mulher. É também com esta idade que a menina começa a ajudar a mãe com as voltas da casa.

Aprender a fazer renda é visto como uma atividade altamente recomendável, tanto pelos homens como pelas mulheres. É uma atividade adequada à mulher, pois evita que "ela perca tempo pela casa dos vizinhos". Ou, como dizia uma fazendeira⁽²⁾ "o serviço da renda faz as meninas mais amorosas e amiga das mães e faz as meninas caseiras". Também os homens expressam seu apreço pela renda, como afirmava um dos maridos entrevistados: "se ela há de andar batendo perna na estrada, melhor que fique em casa, na renda".

A renda delimita o espaço feminino à casa e ao quintal. É no interior da casa, durante o inverno, e no quintal, durante o verão, que a mulher assenta por longas horas a fazer renda. O processo de aprendizagem, longo e penoso, inclui castigos físicos e é conduzido pela mãe. Os primeiros bilros e a primeira almofada são feitos pelo pai, que presentela a filha por volta dos 7 anos. Observe-se que a menina é iniciada no trabalho através de uma atividade que a restringe, social e espacialmente, sem impedi-la de contribuir de forma complementar, para a renda familiar ou para o monte (Beck, et alli, 1983)⁽³⁾.

O quintal pode incluir a horta, o pomar, o cafezal e a criação. Parece se constituir em um elemento intermediário entre a roça e a pescaria e a casa. Cabe à mulher, ajudada pelos filhos, plantar e cuidar da horta, colher os frutos do pomar e o café, bem como cuidar da criação. Porém, em algumas situações, observa-se a presença masculina. Por exemplo, quando se trata de colher um cacho de bananas. É também no âmbito da casa/quintal que o café é posto a secar e onde é torrado e pilado pela mulher; que o peixe é limpo, escalado e salgado, pela mulher e as filhas. Mas, é no âmbito da casa/quintal que o pai/marido conserta a tarrafa e os instrumentos utilizados na roça e faz os cestos e balaios que serão utilizados na roça e na pescaria, no engenho, na casa e no quintal.

O engenho-de-farinha, como o quintal, se constitui em um espaço ambivalente. A divisão sexual do trabalho existe, mas não é rigorosamente observada. Tanto homens como mulheres, e mesmo jovens e crianças, podem executar qualquer tarefa, exceto a de pensar. Esta é uma atividade masculina. O engenho é uma atividade sazonal pois depende do ciclo da mandioca, que é colhida a cada dois anos depois do plantio, no período de maio/agosto, isto é, no mesmo período da safra da tainha. A articulação entre as duas atividades pode ser entendida no trecho da entrevista transcrito abaixo:

- P. E como é que faz na época da tainha, que é época de fazer farinha?
- R. Eles botam a mandioca de dia, as mulhé raspa e de noite, quando eles chego em casa, eles cevo, forneio, é assim.
- P. Quer dizer que as mulheres fazem uma parte do trabalho no engenho...?
- R. A parte maior pertence p'rá elas e deixam o mais pesado p'rá eles, o mais pesado. Assim, à noite, quando eles chego, eles pensam, porque é pesada, a prensa. Isso é p'rá eles, quando chego.

Observa-se a contradição existente na entrevista. Inicialmente, ela diz que as mulheres só raspam a mandioca e os homens fazem todo o trabalho restante. Mas, no final, acaba afirmando que a maior parte do trabalho, na ausência dos homens, pertence à mulher, ficando para eles apenas o mais pesado.

A afirmação de que os homens fazem o trabalho mais pesado é corrente e, em certo sentido, verdadeira. Quando a mulher faz o trabalho pesado, isto é do homem, ela não está trabalhando. Ela está ajudando, seja na roça, seja no engenho. E, quem ajuda, não trabalha. Na casa/quintal, onde a mulher não trabalha, só faz as voltas da casa, carregar lenha e água não são tarefas pesadas. O mesmo acontecendo com a coleta de moluscos que é feita no costão e cujo produto ela carrega em um cesto, dali até à praia.

A transformação econômica e social vivenciada pelas comunidades pequenas introduziu, ou melhor, acentuou a tendência na busca de um trabalho fora da comunidade. Se ela era uma realidade para os homens, que migravam para pescar em outros lugares ou embarcados, o mesmo não acontecia com as mulheres. E, se acontecia, era exceção. As mulheres buscaram um trabalho fora da comunidade como empregadas domésticas, faxineiras etc. Ao lado dele, continuam com as voltas da casa e com a renda. Instalou-se, portanto, a dupla jornada de trabalho.

Trabalhar fora significa obter ingressos monetários, fundamentais a qualquer comunidade que está se inserindo em uma economia de mercado. A renda não permite que sejam obtidos conforme a necessidade, o que obriga a mulher a buscar no mercado de trabalho e, principalmente, no setor informal, um trabalho remunerado que permita a complementação da renda familiar.

4. Representações e Construção Social do Gênero

Como se viu na descrição sobre a divisão do trabalho em comunidades pesqueiras, a mulher e o homem são objeto de representações que os colocam em oposição e, ao mesmo tempo, os complementam. O mundo do homem é o da produção. E, conseqüentemente, é o mundo do trabalho. O mundo da mulher é o da reprodução, através do consumo. É o mundo do não-trabalho ou do trabalho à toa, do trabalho limpo e do servicinho bom.

O mundo do trabalho é masculino, público. É o espaço aberto da roça e da praia. O mundo feminino é o doméstico, é o espaço fechado da casa/quintal e do engenho. E, quando a mulher busca um trabalho fora de casa ele ocorre, em geral, no interior de outras unidades domésticas que não a sua própria, onde o trabalho é a reprodução da rotina de sua própria casa. O homem, em oposição, quando trabalha fora da comunidade o faz no espaço aberto do mar e da

rua.

A construção social do gênero está diretamente relacionada às representações produzidas sobre os homens e as mulheres em cada cultura e em cada sociedade. No universo simbólico das comunidades pesqueiras, esta construção parece estar representada pela oposição entre a rede e a renda, isto é, entre a pescaria e o tecer a renda. Atividades mutuamente excluídas, identificam, a nível do simbólico, cada um dos gêneros, ao contrário do que acontece com a roça e com o engenho de farinha e, mesmo com a casa e o quintal.

A pescaria é uma atividade masculina, que inicia o homem no espaço público. Ele deixa o âmbito da casa, o mundo da mãe e passa a frequentar o âmbito do rancho de pescaria, o mundo do pai.

A renda é uma atividade feminina, que inicia a mulher no mundo da casa, do doméstico, levando-a a deixar de lado as brincadeiras para começar a assumir na casa e no quintal as tarefas da mãe. E neste período que ela se assenta frente à sua própria almofada e começa a fazer renda.

Assim como a mulher não tem acesso à pescaria, o homem não tem acesso à renda. A rede simboliza a masculinidade. Depois de tecida pela mulher, só o homem tem acesso à rede. É ele quem a utiliza para pescar; é ele quem a conserta, depois da pescaria; é ele que a estende para secar nos varais e quem a recolhe e acondiciona nas canoas. A rede é usada pública e coletivamente pelos homens. É o seu instrumento de trabalho.

A sua força simbólica é tal que a palavra é utilizada para designar a atividade, como se pode observar pela expressão "estar na rede". Assim, se o rancho de pescaria ou rancho de canoas funciona como a casa dos homens (Levi-Strauss, 1973: 214) a rede é o instrumento que identifica o trabalho masculino e coletivo. É interessante observar como, ao contrário da tarrafa, que é de uso individual e é colocada a secar no quintal, ao alcance das mulheres, a rede é manipulada fora do alcance delas, porém ao alcance dos seus olhos, que, de longe, podem observar os seus homens na atividade de pescaria. A presença de mulheres em canoas ou ranchos, ou nas suas mediações é interdita, embora esta interdição não seja explicitada. Cascaes (Caruso, 1989: 76-77) afirma que as mulheres não pescam, isto é, não entram em canoas e não pixam redes.

A tensão decorrente desta exclusividade masculina sobre a pesca vai assumir sua explicitação através das manifestações das bruxas. Estas costumam fazer suas "reuniões" em ranchos de pescaria, ou utilizam canoas e, com elas, navegam durante a noite, rompendo a interdição sexual que as proíbe de ter acesso aos instrumentos de trabalho masculinos. E, muitas vezes, o insucesso na pescaria é atribuído ao embruxamento (Caruso, 1989: 83-89). Segundo Rial (1988: 223-224), "as bruxas aparecem numa situação liminar entre o gênero feminino e o masculino. Eram representadas com o corpo de uma mulher, mas possuem poderes e manipulam conhecimentos que não eram comuns às outras mulheres".

As bruxas podem ser entendidas como ruptura "a partir da qual, a mulher, ao conseguir, através da metamorfose, romper o estreito limite da subordinação feminina, adquire o poder de se sobrepor à dominação masculina. Quando isto acontece, ela ganha individualidade própria. É provável que a forte presença da mulher em comunidades pesqueiras indique uma dificuldade do homem no sentido do controle sobre a mulher, colocando em risco a identidade masculina" (Beck, 1989: 248-251).

A renda inicia a mulher no mundo do não trabalho. Seu aprendizado afasta a menina do mundo ambíguo das brincadeiras e a aproxima, gradativamente, do mundo da mulher. Associadas à renda, estão as representações mais significativas no que se refere à definição do gênero feminino. É o que de melhor uma menina poderia desejar em termos de sua socialização. Ocupando-se várias horas por dia, a mulher ganha uma estima muito grande por seus instrumentos de trabalho e tem para com eles muito carinho e cuidado. Sentada à almofada, ela troca os bilros e tece as rendas e, metaforicamente, tece a sua própria vida. Torna-se prisioneira de seu tecido e sua vida se trama junto com a trama da sua renda. A almofada é um jugo que deverá cumprir até ficar impossibilitada, fisicamente, de fazer renda.

Ao homem, a renda é interdita, embora seja o pai quem faça a primeira almofada e quem esculpa os primeiros bilros com que presenteia a filha. A almofada, colocada em geral em um canto da sala, quando a renda está armada, indica o âmbito de sua prática.

O processo de aprendizagem e a confecção da renda de bilro, pela mulher, vem sofrendo mudanças com a transformação social e econômica do litoral. As mulheres mais jovens se manifestam, com frequência, favoráveis a um trabalho fora-de-casa. Este é visto como uma maneira mais fácil de se obter os ingressos necessários à economia familiar, sendo considerado menos penoso do que a renda. A dificuldade de se trocar um pelo outro parece residir na permanência do modelo, ou na representação mais adequada para compor a imagem feminina, a partir dos homens, explicitada em expressões como "não gosto de renda, não, gosto mais de trabalhar fora, mas meu marido não gosta", ou ainda, "vale mais trabalhar fora do que na renda, mas meu marido não deixa".

Ter gosto pela renda é um comportamento desejado para a mulher, como manifestam as mais velhas. A mulher deve ter gosto pelo que faz, principalmente, pela renda, como se pode observar por trecho da entrevista, transcrito abaixo:

- P. O que tu achas de ser rendeira? Tu achas que vale a pena trabalhar como rendeira?
- R. Vale porque a gente não tem outro serviço para fazer; aquilo é como um distraimento que a gente está fazendo. Distrai.
- P. Então, tu achas que
- R. E, prá mim vale. Eu gosto dela também.
- P. Você gosta?

R. Gosto.

P. Ah é! Fazer renda?

R. Gosto.

P. É bom quando a gente trabalha naquilo que gosta, né?

R. E. Quando dá vontade de fazer, num instante a gente termina, porque a gente faz com aquela vontade, n'ê? Tudo com vontade é bom.

Assim, além de gostar é preciso ter vontade de fazer renda, principalmente, quando o marido não gosta ou não deixa a mulher trabalhar fora. E, voltando ao que se disse anteriormente, para os homens a mulher que está na renda, não está na rua.

5. Considerações Finais

Embora se tenha dado ênfase, no item anterior, à oposição rede x renda, deve-se entender que as demais atividades desempenham, elas também, um papel na definição dos gêneros. O caráter da ajuda que adquire o trabalho prestado pela mulher na roça e no engenho torna-a invisível e até mesmo dispensável, como se viu anteriormente. Os filhos crescem e substituem a mãe nas atividades. No caso do engenho, por vezes, se convida alguém, uma outra mulher, para ajudar, ficando a dona-de-casa liberada para as voltas da casa, só comparecendo no final do dia para fazer o beijú, que será comido com café recém coado. Em geral nos sábados à noite.

A renda, vista como um trabalho limpo em relação à roça e ao engenho; como um trabalho à toa em relação ao quintal e à criação; e como um servicinho bom em relação às voltas da casa, permite que a mulher se organize e organize a vida doméstica em torno desta atividade. Por seu lado, a pescaria estrutura o ciclo anual das atividades produtivas. Esta oposição se assemelha àquela, descrita por Clastres (1978: 71-89), para os Guayaquí, entre o arco e o cesto, as quais simbolizam, respectivamente, o homem e a mulher. A almofada, fixando a mulher à casa, prendendo-a ao lar, ao espaço doméstico. A pescaria, levando o homem ao mar, ao rancho de canoas, ao espaço público. Rede e renda, simbolizando, assim, o masculino e o feminino. A rede que captura o peixe, a renda que captura a mulher, ambas tecidas pela mulher. Ambos, mulher e peixe, subjugados pelo homem. O cruzamento dos gêneros ocorre na confecção dos instrumentos de trabalho: a mulher tece a rede com que o homem pesca e o homem faz a almofada e esculpe os bilros que a mulher tece. Opostos e complementares, mas não iguais.

A oposição entre masculino e feminino que se procurou analisar neste artigo envolve outras esferas da vida das comunidades pesqueiras. Procurou-se desenvolver, aqui, a perspectiva trabalho x não-trabalho, entendida como o fazer masculino e o fazer feminino, dando-se ênfase aos dois fazeres e aos dois saberes, exclusivos a cada um dos gêneros. Mulher não pesca, homem não faz renda. Dois domínios do saber que envolvem competências diversas. Deve-se

lembrar, porém, que em outras esferas as atividades não são mutuamente excludentes e mulheres e homens podem, em inúmeras situações, desenvolver atividades que, em princípio, seriam competência de um ou de outro sexo.

Finalizando, deve-se deixar claro que foi objetivo deste artigo analisar a construção do gênero, enquanto produto da inserção da mulher no processo produtivo. Sem dúvida esta construção se dá em decorrência do conjunto das representações e da ideologia que caracterizam esta sociedade. Assim, será fundamental a continuidade da análise nessa direção (da construção social do gênero), buscando resgatar as representações e definir a identidade feminina e o papel da mulher nas comunidades pesqueiras.

Notas

- (1) Este foi elaborado utilizando-se os dados coletados em dois projetos de pesquisa, desenvolvidos no período de 1979 a 1984, intitulados: "Lavradores e pescadores - um estudo sobre trabalho familiar e trabalho acessório" (Beck, 1979) e "Caracterização cultural, econômica e social das Comunidades Pesqueiras da GranFpolis" (Beck, 1980). O segundo obteve financiamento das seguintes instituições: CNPq, CAPES, Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina. Participaram do projeto, na qualidade de auxiliares de pesquisa, os seguintes estudantes de Ciências Sociais: Graduação: Claudia Maria Costa, Eugênio Pascele Lacerda, João Carlos Sampaio Torres, Maria Nazarê Machado, Pedro Lucio Teixeira, Sebastião Sadeck dos Santos e Yan de Souza Carreirão; Pós-Graduação: Raquel Vieira de Córdova.
- (2) Em Beck (1987: 3-19) discute-se a utilização dos termos fazedeira, quem faz renda e rendeira, quem comercializa a renda.
- (3) A renda-de-bilro vem sendo comercializada desde o início deste Século. Com a recente expansão do turismo, encontrou uma grande demanda e sofreu modificações nos modelos, no material, desenvolvendo-se, ainda, a renda de vestir (Beck 1987: 3-19).

6. Bibliografia

Albuquerque, C.M.C.P. - 1983 - "Trabalho e lazer numa localidade pesqueira de Santa Catarina". Anais do Museu de Antropologia (Florianópolis) 16 (XV): 57-74

Beck, A. - 1989a - "Lavradores e pescadores: uma contribuição à

discussão do conceito". Coletânea dos Trabalhos Apresentados ao III Encontro de Ciências Sociais e o Mar (São Paulo). A.C. Diegues (org.). pp. 289-294. São Paulo: USP.

Beck, A. - 1989 - "A mulher na obra de Franklin Cascaes". In Cadernos do 3o. Seminário Nacional Mulher e Literatura (Florianópolis) 1: 248-251.

Beck, A. - 1987 - "Artesanato e capitalismo: rendas e rendeiras na Ilha de Santa Catarina". Boletim de Ciências Sociais (Florianópolis) 45: 3-19.

Beck, A. - 1980 - Caracterização cultural, econômica e social das comunidades pesqueiras da GRANFOLIS. Projeto de Pesquisa. Florianópolis: mimeo.

Beck, A. - 1979 - Lavradores e pescadores - um estudo sobre trabalho familiar e trabalho acessório. Trabalho apresentado ao Concurso de Professor Titular. Florianópolis: UFSC. mimeo.

Beck, A. - 1984 - As comunidades litorâneas e a influência cultural açoriana. Relatório de Pesquisa. Florianópolis: UFSC. mimeo.

Beck, A. et alli - 1983 - "Roça, pesca e renda: trabalho feminino e reprodução familiar". Anais do Museu de Antropologia. (Florianópolis) 16 (XV): 43-56.

Beck, A. et alli - 1982 - Um trabalhinho a toa: a produção e a comercialização da renda-de-bilro e suas implicações para a economia familiar. Relatório de Pesquisa. Florianópolis: MU/UFSC. mimeo.

Carneiro, M.J. - 1981 - "Ajuda e trabalho: a subordinação da mulher no campo". Comunicação apresentada a V Reunião da ANPOCS. Friburgo: mimeo.

Carneiro, S.D. - 1979 - Terra Liberta: hábitos alimentares em Ponta do Mato. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB.

Clastres, P. - 1983 - "O arco e o cesto". In Sociedade contra o Estado. pp. 71-89. Rio: Francisco Alves

Córdova, R.V. - 1986 - Ficar em terra - o processo de migração de profissionais da pesca. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC.

Figueiredo, M. - 1983 - "Estudo comparativo do papel socio-econômico das mulheres chefes-de-família em duas comunidades de pesca artesanal (Costa Atlântica)". Comunicação apresentada ao VII Encontro Anual DA ANPOCS. Aguas de São Pedro: mimeo.

Fioravante, E. - 1978 - "Modo de produção, formação social e processo de trabalho". In O conceito de modo de produção. P. Gebran (org.). pp. 31-45. Rio: Paz e Terra.

- Garcia, Jr., A. - 1983 - Terra de trabalho - trabalho familiar de pequenos produtores. Rio: Paz e Terra.
- Garcia Jr.; A.R. e B.A. Heredia. - 1971 - "Trabalho familiar e camponato". América Latina (Rio) 1-2(14): 10-20
- Godelier, M. - s/d - Racionalidade e irracionalidade na Economia. Rio: Tempo Brasileiro.
- Grossi, M.P. 1988 - "Casar com Cristo - a vocação religiosa na família camponesa". Comunicação apresentada a XII Reunião Anual da ANPOCS. Aguas de São Pedro: mimeo.
- Heredia, B.M.A. - 1977 - A morada da vida. Rio: Paz e Terra.
- Heredia, B.M.A. et ali - 1984 - "O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas". In: Mulheres na força de trabalho na América Latina. Neuma Aguiar(Coord.). pp.29-44. Petrópolis: Vozes.
- Kartchevsky-Bulport, A. - 1987- "Trabalho feminino, trabalho das mulheres: forças em jogo nas abordagens dos especialistas". In O sexo do trabalho. Elisabeth Souza-Lobo (apres.). pp.13-22. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lago, M.C.S. - 1983 - Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira à balneário. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC.
- Lago, P.F.A. - 1961 - "Contribuição Geográfica ao estudo da pesca em Santa Catarina". Revista Brasileira de Geografia (Rio) I (XXIII): 121-215.
- Lévi-Strauss, C. - 1973 - Antropologia Estrutural. Rio: Tempo Brasileiro.
- Lisingen, D.U.S. - 1983 - Rainha do lar ou reprodutora ideológica. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC.
- Maldonado, S.C. - 1986 - Pescadores do mar. São Paulo: Ática.
- Maluf, S.W. - 1989 - Brujas e bruxarias na Lagoa da Conceição: um estudo sobre a representação do poder feminino na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: mimeo.
- Michel, A. - 1981 - "As produtoras invisíveis, o emprego e as necessidades essenciais". In Ciência e Cultura (São Paulo), 8 (33): 1039-1071.
- Rial, C.S. - 1988 - Mar de dentro: a transformação do espaço-social na Lagoa da Conceição. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS.
- Rocha, E.B. - 1983 - "Os engenhos de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina e suas transformações". Anais do Museu de Antropologia (Florianópolis), 16 (XV): 75-95.

Varzea, V. - 1985 - Santa Catharina. A Ilha. Florianópolis: Lunardelli.